

O que a COVID-19 tem a dizer aos historiadores? Uma breve reflexão sobre o presente e o futuro historiográfico

What does COVID-19 has to say to historians? A brief meditation about the historiographical present and future

REIS, Marlon Ferreira dos *

<https://orcid.org/0000-0003-2548-0445> 

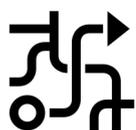
RESUMO: A crise lançada pela pandemia do coronavírus levantou questionamentos ao redor de todo mundo acerca do tipo de sociedade que está sendo construída e como será o futuro da humanidade. A tragédia da COVID-19 teve como pano de fundo, especialmente em território americano, a proliferação das *fake news* e do negacionismo científico, assim como a grande preocupação de diversos setores sociais para as discussões em torno das mudanças climáticas. Desse modo, os apontamentos que pretendo realizar indicam para a demanda da historiografia, especialmente na área da Teoria e Filosofia da História, de considerar com afinco o atual contexto de crise político-ambiental. O que proponho é uma aproximação das questões da historiografia com as problemáticas explicitadas pelas ciências naturais, baseada no fato de que ambos os campos são ameaçados pelo negacionismo obscurantista, no crítico momento em que as distinções entre o tempo histórico e geológico estão em um vertiginoso processo de sobreposição.

Palavras-chave: COVID-19; Fake News; Crise Climática.

ABSTRACT: The crisis launched by the coronavirus pandemic raised questions around the world about the model of society that is being built and what the future of humanity will be like. The challenge of COVID-19 had as a background, especially in American territory, the proliferation of fake news and scientific negationism, as well as the great concern of various spheres of society for the discussions on climate change. Hence, the points I intend to make indicate for the demand of historiography, especially in the Theory and Philosophy of History area, to take a hard look at the current context of political-environmental crisis. What I propose is an approach of the questions of historiography with the problems made explicit by the natural sciences, based on the fact that both fields are threatened by obscurantist negationism, at the critical moment when the distinctions between historical and geological time are in a dizzying process overlap.

Keywords: COVID-19; Fake News; Climate Change

*Mestrando em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro, bolsista CNPq. Estudante no grupo de pesquisa HISTOR - Núcleo de Estudos de Teoria da História e História da Historiografia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: marlonteoria@outlook.com



INTRODUÇÃO

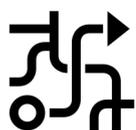
As opiniões das pessoas são projetadas principalmente para fazê-las se sentir confortáveis; a verdade, para a maioria das pessoas, é uma consideração secundária (RUSSELL, 1942, p. 1).

Mas faça-nos um favor, Sr. Presidente. Se o senhor deseja algo, comece a tratar a ciência e seus princípios com respeito (THORP, 2020).

É consenso entre os historiadores brasileiros, quiçá do resto do globo, de que a historiografia como disciplina acadêmica vem enfrentando inúmeros desafios que fazem tremer as próprias estruturas nas quais o conhecimento histórico se assentou. São questionamentos estes advindos tanto dos âmbitos públicos, quanto dos teóricos, metodológicos e epistêmicos. Se alguns historiadores afirmam que durante o período da década de 1960 ocorreram os anos de ouro da história acadêmica, podemos dizer que os anos 1970 trouxeram inúmeros questionamentos externos e internos ao próprio saber histórico, dos quais este ainda não se recuperou plenamente (HARTOG, 2017, p. 09-30).

No momento em que escrevo esse artigo, estamos vivendo uma pandemia acarretada pelo vírus SARS-CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome-Corona Virus-2), que produziu a doença COVID-19. A saber, a COVID-19 foi descoberta em Dezembro de 2019, na província chinesa de Wuhan e, em pouco tempo, notou-se que o vírus tinha uma altíssima capacidade transmissória, o que desencadeia um crescimento assustador do número de infectados. O SARS-CoV-2 se alastrou por praticamente o mundo inteiro de forma atordoante e, no dia 9/04/2020 (quando faço os ajustes finais no texto), temos no mundo 1.438.994 casos confirmados, 85.586 mortes, em 214 países. O vírus aqui em questão basicamente freou todos os países do globo, acabando com voos internacionais e nacionais, com a produção econômica, e até com a circulação de pessoas nas ruas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020).

Por conseguinte, deparamo-nos com uma situação ridiculamente atual, e, tenho ciência de que muitos leitores estão se questionando nesse momento se deveria um historiador discorrer sobre um assunto tão recente. Vejo que há a indagação: o que um historiador pode falar sobre a COVID-19? Acredito que essa pergunta, para os fins desse artigo, pouco é relevante. Abandonemos tal pergunta por um instante e o questionemos: o



que a COVID-19 pode falar aos historiadores? Antecipando meu argumento, acredito que o coronavírus atual nos apresenta uma perspectiva de futuro ameaçado e incerto; e, em relação a isso, como a nossa dimensão presente é demasiadamente conturbada por forças públicas (grupos sociais e instituições governamentais) que desprezam os saberes acadêmicos em prol de um objetivo político próprio.

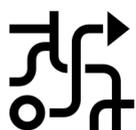
A VERDADE E A MENTIRA NA RELAÇÃO ENTRE A POLÍTICA E AS CIÊNCIAS

De modo mais intenso desde as eleições brasileiras de 2014, há a crescente tentativa de deslegitimação do trabalho historiográfico por parte de diversos representantes políticos, os quais encontraram sua expressão máxima no atual Presidente da República, Jair Bolsonaro. Os historiadores sentiram de forma latente o ataque e o desrespeito por suas produções crescendo de forma escalonada nos discursos de figuras presentes nas redes sociais e na grande mídia. Entretanto, se analisarmos em perspectiva mais ampla, é possível atestar que não só a história sofreu com um crescente negacionismo e deslegitimação; as ciências e os especialistas como um todo estão sendo atacadas.

O negacionismo, que difere do revisionismo, sempre ocorreu dentro de temas ditos “polêmicos”, como o caso do Holocausto. Todavia, o que acredito presenciarmos na democracia do século XXI é a sistematização do negacionismo na forma de uma cartilha política para fins de autopromoção como figura pública. Uma estratégia que, apesar de demasiadamente desonesta e perigosa, ofereceu resultados significativos no que tange ao alcance dos que se utilizam desse sistema.

O fato evidente é que diversos indivíduos com grande expressão social utilizaram de uma série de mentiras estratégicas para alçar voos maiores na vida pública, tendo, na maioria das vezes, a ciência como alvo de suas negações. Como bem afirmou Rodrigo Sá Motta (2020, p. 26), “o ataque às bases do conhecimento acadêmico tem dimensões mais amplas e afeta várias áreas científicas. De certo modo, os ‘terraplanistas’ guardam semelhanças com certos críticos da historiografia acadêmica que pontificam nas mídias virtuais”.

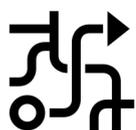
No cenário atual, a televisão e, ainda mais, a internet propiciaram novas formas e caminhos para que haja a disseminação de falácias e opiniões propositalmente controversas. Tais negacionismos fazem parte de um modo de pensar que se apresenta de



forma mais complexa do que a simples adjetivação de “estúpido” pode abarcar. O Índice de Letramento Científico Brasileiro (2018, p. 15-17) atestou: 16% da população brasileira tem um letramento “não científico”, ou seja, localizam, em contextos cotidianos, informações explícitas em textos simples, o que não exige domínio de conhecimento científico; 48% tem letramento científico “rudimentar”, ou seja, que resolvem problemas que envolvam a interpretação e a comparação de informações e conhecimentos científicos básicos, envolvendo temáticas cotidianas; 31% tem letramento científico “básico”, elabora propostas de resolução de problemáticas mais complexas a partir de evidências científicas em textos técnicos e/ou científicos, realizando relações entre textos; e 5% tem letramento científico “proficiente”, ou seja, que avalia propostas e afirmações que exijam o domínio do vocabulário científico em situações diversas, elabora argumentos sobre as hipóteses e a confiabilidade do que está sendo dito, demonstra o domínio do uso das unidades de medida e tem ciência das questões do meio ambiente, saúde, genética, etc.. Interpretando esses fatos, no cenário mais otimista, temos 64% de uma população que não compreende o que está sendo dito por cientistas e especialistas.

Muitos políticos e influenciadores se inserem nessa realidade de analfabetismo científico de forma desonesta ou ignorante, a fim de se utilizarem de parte significativa da população para seus próprios objetivos pessoais. Pondo em termos atuais, a COVID-19, por exemplo, está mostrando como é árduo os cientistas dialogarem e conscientizarem a população e os representantes políticos. Fato que expressa como o caminho ideal da conversação entre essas esferas parece estar em um horizonte distante.

Ora, como bem apontou Michiko Kakutani (2018, p. 15), um candidato que mente deliberadamente e utiliza de propagandas enganosas “dificilmente conseguiria tanto apoio popular se setores do público não tivessem adotado uma postura um tanto quanto blasé em relação à verdade”. Todavia, esses indivíduos não letrados cientificamente, e as figuras que se utilizam desse não-letramento, ainda se comunicam, informam e propagam informações. A internet, nesse sentido, acaba por sofrer com um processo de disseminação de teorias da conspiração, ataques às ciências e, especialmente, *fake news*. Atualmente, temos que ter em vista que “o que se chama hoje de *fake* é um estruturante da vida contemporânea, que não pode ser simplesmente eliminado com as ferramentas críticas tradicionais da historiografia ou compreendido apenas como manipulação falsificadora” (ARAÚJO; KLEM; PEREIRA, 2020, p..8). Com essa nova realidade, não sabemos até que ponto podemos pensar políticas públicas e privadas nos antigos termos de comunicação. Ademais, nota-se que “um tuíte vale mais que 5 mil artigos científicos, vale até uma presidência, desbancando os meios



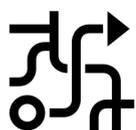
tradicionais e mais lentos de negociação política e de produção e circulação de conhecimento” (TURIN, 2019, p. 15).

Pesquisadores apontaram que o presidente Trump mentiu 103 vezes durante a sua campanha eleitoral, (LEONHARDT; PHILBRICK; THOMPSON, 2017), da mesma forma, o jornal *The Washington Post* (2020) atualizou no dia 19 de janeiro de 2020 que, em 1.095 dias, o presidente realizou 16.241 afirmações falsas e/ou equivocadas. De forma similar, no caso brasileiro, “as eleições de 2018 foram marcadas pelo grande impacto que a internet teve sobre o resultado final, seja através das *fake news*, de aplicativos de conversas, a informações disseminadas eram muitas, e na maioria das vezes de fonte duvidosa” (ARAUJO; KLEM, PEREIRA, 2020, p. 16). Em outras palavras, o que se tem é que a informação começou a ser transmitida em rede, de pessoa para pessoa, e não mais de modo verticalizado:

Há uma distribuição horizontalizada e fragmentada que, certamente, trouxe algumas importantes modificações nos processos de difusão e apropriação da informação. *Grosso modo*, podemos dizer que, agora ela pertence a todos e a ninguém. Não que a comunicação destinada às massas tenha deixado de existir, mas agora ela também compete com o grupo de WhatsApp da família (MENESES, 2020, p. 35).

Pensando na linha desses apontamentos, a meu ver, o problema é que a substituição da verdade dos fatos por falácias não produz só o problema da mentira ser aceita como verdade, e vice-versa, porém ocorre um processo de aniquilação de sentidos mediante o qual nos orientamos. Inclui-se aqui os meios pelos quais encontram-se os fins da oposição entre verdade e falsidade. Em outras palavras, o problema começa quando não importa mais se a colocação feita é verdadeira ou falsa; a distinção entre uma e outra se torna nublada e, em última instância, irrelevante. A supressão da realidade pela crença se torna um cenário perfeito para o agravamento de catástrofes.

Para fins de esclarecimento, foi descrito pela comunidade científica o comportamento do vírus e, em decorrência disso, pôde-se mapear e prever o crescimento do mesmo em determinados contextos. É sabido que o vírus tem uma taxa de morte de aproximadamente 1%, e o Ministério da Saúde do Brasil atualmente, por consequência do número disponível de testes, apenas registra os indivíduos que dão entrada no hospital por terem complicações com o vírus. O Brasil tem 800 mortos e 15.927 casos, com uma taxa de morte de 5%. Podemos estender os cálculos e projetar um número de casos reais, verificando possíveis situações, mas este não é o ponto aqui, deixarei por conta de cada um realizar os procedimentos matemáticos ou traçar um paralelo com a previsão nos Estados Unidos e



Reino Unido (FERGUSON *et al.*, 2020).¹ No Brasil, até o momento, as devidas medidas de segurança estão sendo tomadas para conter a epidemia, contudo, já é esperado um pico de casos entre abril e maio, o que deve piorar bastante a imagem que temos do vírus em solo brasileiro. Todavia, o próprio presidente Jair Bolsonaro apresenta comportamentos controversos e indevidos em relação a situação atual: como a chamada para as manifestações no dia 15/03/2020 no Distrito Federal, sua saída para cumprimentar eleitores, tirar fotos com grupos, manter contato próximo e, de forma mais grave, o pronunciamento oficial em rede nacional do dia 24/03/2020 (BBC, 2020).²

Vale ressaltar que o negacionismo presente na fala de figuras políticas, como na própria família Bolsonaro, não é um “ultrarelativismo” em que qualquer opinião é válida, muito pelo contrário. Esse negacionismo se justifica por se autopromover como o real detentor dos fatos, como a “ciência verdadeira”, cujas teorias conspiracionistas afirmam que a “verdade real” vem sendo ocultada por certos poderes como a NASA, a China ou os comunistas. Em suma, “o negacionismo bolsonarista não admite seu aspecto irracional ou anticientífico, ao contrário, alimenta as expectativas de que uma ciência verdadeira legitima suas narrativas” (ARAUJO; KLEM; PEREIRA, 2020, p. 17). Portanto, de forma paradoxal, “o discurso sobre a ‘verdade’ reverteu-se em ferramenta para negação e a manipulação de dados” (MENESES, 2020, p. 35).

Isso reforça uma prática na qual as pessoas se tornam pouco interessadas em saber a veracidade de algo, na realidade, acabam por dar importância se isso é conveniente para se acreditar e se faz parte do mesmo repertório (conspiratório e negacionista) que estão acostumados a acreditar. Somado a isso, Alice Marwick e Rebecca Lewis (2017) apontaram que uma vez que os indivíduos aceitam ideias extremistas, sejam estas de cunho político ou intelectual, eles provavelmente estão mais abertos a se relacionarem com outras ideias extremistas. Isso não é um determinismo, apenas a elucidação de uma possível afinidade eletiva. O ponto é que, se tal padrão de afinidade ocorre desta maneira, é perigoso que um terraplanista ou negacionista que também é um político eleito, leve seu anticientificismo para suas ações públicas.

¹ Atualmente, no dia 17/06/2020, tendo em vista o enorme grau de subnotificação brasileira de casos de COVID-19, traçar qualquer modelagem futura da curva de casos se torna muito complicado. Entretanto, a saber, a taxa de mortalidade de COVID-19 no Brasil ainda beira os 5% (4,868%).

² Para quem acompanha a epidemia no Brasil, percebe imediatamente que estas colocações estão desatualizadas. O Brasil aparenta, no dia 17/06/2020, não aparenta estar seguindo a opinião dos especialistas e, possivelmente, está/estará em um cenário sem controle da doença. O presidente Bolsonaro cada vez toma atitudes que vão mais diametralmente contra as medidas adotadas por outros países e recomendadas pela OMS, realizando ações mais graves do que o pronunciamento do dia 24/03/2020.

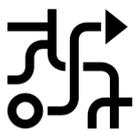


Considerando que os participantes dos grupos negacionistas e extremistas interagem dentro da realidade e criam uma rede de sociabilidade, o que temos é que não há apenas uma questão “intelectual” em jogo, mas também social e política. Pois, o que acaba entrando em foco não é apenas uma opinião de certo ou errado, verdadeiro ou falso, mas a própria relação complexa das noções de pertencimento e não pertencimento a determinado grupo que moldou a identidade dos sujeitos que fazem parte dele. O que temos são figuras que, em um primeiro momento, são extremamente carismáticas e uma horda de *minions* que “negam todo um arcabouço de produção do conhecimento, contrapondo dados científicos com suas impressões ou suspeitas sobre resultados” (MENESES, 2020, p. 36) que, muitas vezes, sequer compreendem de forma satisfatória.

Eis que repousa a assertiva de que “um dos maiores desafios que temos em nossa democracia é o fato de não compartilharmos a mesma base de fatos”, pois os indivíduos estão “operando em universos de informação completamente diferentes” (KAKUTANI, 2018, p. 13). Contudo, os negacionistas e anticientistas, de modo geral, dialogam na mesma base de pensamento e “pseudo-fatos”. O que significa dizer que os controversos sujeitos na esfera política estão dialogando na mesma linguagem dos conspiracionistas e negacionistas na sociedade civil. Então temos que os cientistas, negacionistas, e o resto da sociedade não falam a mesma linguagem. Por um lado, há a distinção na forma de se comunicar, por outro, as diferentes visões da realidade.

O problema é que figuras públicas, como Olavo de Carvalho, constroem sua própria autoridade no processo de desqualificação da produção do conhecimento científico e racional, atacando professores, pesquisadores, intelectuais, a fim de taxá-los como doutrinadores, partidários, ideólogos, comunistas, etc.. Por conseguinte, ao se levantar suspeição acerca dos fazedores e divulgadores do conhecimento, as produções destes sujeitos são desqualificadas e desconsideradas como saberes válidos. Assim, deparamo-nos com a “difusão de uma ideia de verdade, que toma por base a aceitação de valores pessoais e de grupos como balizadores da informação e do conhecimento [...]” (MENESES, 2020, p. 41). Como revelou a IDEA Big Data, 98,21% dos eleitores de Jair Bolsonaro foram expostos a notícias falsas, destes, 89,77% acreditaram que era notícia verdadeira. Entretanto, quase 80% dos entrevistados eram favoráveis de que as redes sociais enviassem correções de *fake news*. Como comenta Meneses (2020, p. 4), “percebe-se que, embora a maioria tenha consciência da existência de *fake news*, acreditar ou não parece ser uma questão de escolha”.

Todo governo assenta-se sobre a opinião, Hannah Arendt (1997, p. 289) atesta que nem mesmo o mais tirânico dos governantes “pode alçar-se algum dia ao poder, e muito



menos conservá-lo, sem o apoio daqueles que têm modo de pensar análogo”. Assim sendo, é de se esperar que um presidente conspiracionista, eleito democraticamente, represente uma série de indivíduos, visíveis ou anônimos, que se enxergam no discurso do governante.

O fato é que a internet “produz, antes, bolhas de contemporaneidade algorítmicas, que pouco ou nada interagem entre si” (TURIN, 2019, p. 17). Não há um contato global entre os internautas que possibilite um diálogo, uma sincronização, saudável entre seus usuários. Temos a *possibilidade* de saber – o acesso – e não a aprendizagem em si. O comum na internet são esses isolamentos; a fragmentação em função de forças, afetos, aversões, que transcendem o virtual, mas que são potencializados pelo meio digital. Que só abrem-se umas para as outras em momentos de crise e de polêmica.

No caso atual, a COVID-19 não permite margem para erros, para jogos políticos, para *fake news*. Se observamos o cenário estadunidense; no dia 30/01/2020 o país tinha cinco casos registrados, menos de três meses depois, 08/04/2020, os números oficiais apontam 363.321 casos registrados, (lembrando que esses são os que dão entrada no hospital e não o número total de casos), e o assustador número de 10.845 mortos pela COVID-19 (CORONAVIRUS..., 2020).³

Vejamos a fala do então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (APUD: BRUNO, 2020): “também é doente a *fake news*. [...] Os doentes das *fake news* gostam de se travestir da autoridade ou de ‘pseudoautoridade’ de alguém para poder espalhar notícias (falsas) e assustar as pessoas”. O astrólogo Olavo de Carvalho afirmou na plataforma de vídeos Youtube que não existe epidemia de coronavírus, chegando a dizer que não há sequer mortes confirmadas relacionadas a COVID-19. O que parece ser um enorme surto de insensatez, na realidade se transforma em algo ainda mais problemático, vide que Carvalho ficou conhecido como “guru bolsonarista” por participar da base ideológica de Jair Bolsonaro. Essas não são as primeiras teorias conspiratórias realizadas pelo astrólogo, o mesmo se pôs contra a vacinação e afirmou que a indústria farmacêutica estava conspirando ao dizer que cigarro é prejudicial à saúde (CATRACA LIVRE, 2020).

O caso é preocupante, pois, por um lado, como afirmou Mandetta, as *fake news* são uma epidemia na sociedade contemporânea e, por outro, a COVID-19 parece existir como um muro entre os devaneios e afirmações absurdas e a realidade. O que devemos nos atentar, como historiadores, é em como o descaso pelos fatos, a substituição da razão pela emoção, e o não-conhecimento científico (todos fomentados pelo próprio aparato estatal)

³ No dia 17/06/2020, os Estados Unidos da América possuem 2.201.514 casos confirmados e 118.811 mortes.



estão diminuindo o valor da verdade, e o que isso pode vir a significar para o futuro. Nesse sentido, eu gostaria de fazer uma pequena assertiva: nós não temos tempo para lidar com pensamentos anticientíficos. Quando digo tempo, quero dizer na forma de cronologia. Cada vez serão menores os intervalos de reação às catástrofes que ocorram. O que não significa que não devemos colocar esforço para combater o anticientificismo, muito pelo contrário. O corpo acadêmico especificamente *precisa* combater e instruir toda a irracionalidade e obscurantismo que vemos se formar no contexto contemporâneo.

O FUTURO COMO CATÁSTROFE

A COVID-19 está mostrando como uma parcela considerável da sociedade, mesmo vivendo em dependência dele, não compreende, ignora e rechaça o ofício intelectual. Ao mesmo tempo, revela que nós todos habitamos o mesmo sistema ecológico, geológico e material: o pálido ponto azul, o Sistema Terra. Ao passo que o SARS-CoV-2 dominou e parou o mundo em uma velocidade assustadora, o mesmo ressaltou para muitos que as fronteiras não são tão sólidas quanto prezam os nacionalistas, e, tampouco, temos lugar para correr quando uma catástrofe global ocorre. Não existe “fora” tangível para nós. Produz-se, então, para usar o vocabulário da época nuclear, uma “solidariedade negativa”: baseada num temor compartilhado globalmente, mas que “tem seu correspondente numa percepção menos articulada, mas não menos poderosa, de que a solidariedade da humanidade só pode ser significativa num sentido positivo se vier acompanhada pela responsabilidade política” (ARENDETT, 2008, p. 92).

Sobretudo, a pandemia que presenciamos no turbulento ano de 2020, demonstra que a ciência existe como um pilar fundamental da civilização contemporânea. Não há teoria da conspiração capaz de fazer um foguete chegar a Lua, não há pseudociência que cure as doenças que viremos a enfrentar, assim como não há negacionismo que impeça que o planeta pare de esquentar se continuarmos a emitir a mesma quantidade de gases de efeito estufa na atmosfera. A ciência não é apenas central no presente, mas também para o futuro. Sem ciência, em poucas palavras, não parece haver futuro. Apenas catástrofes. É isso que a COVID-19 tem a dizer para os historiadores.

A questão que reflito aqui é que, tendo em vista que viveremos em tempos precários em um futuro não tão distante, tal fato não parece ter feito tanto barulho quanto o esperado entre os historiadores. As problemáticas e questões ambientais contemporâneas não



encontram espaço nas discussões em sala de aula e ainda é incipiente o número de vezes que aparece nos periódicos de grande expressão no cenário. Não necessariamente em uma perspectiva da História Ambiental, mas algumas considerações no âmbito da Teoria e Filosofia da História acredito que precisam ser feitas sobre o tema. Pois, as ciências naturais (especialmente a biologia e a química) já deixaram bem claro que a humanidade está em uma corrida contra o tempo e, como bem sabem os historiadores, não há história sem humanidade. A cada ano que passa, a situação muda, o planeta caminha para ser mais inóspito, e isso altera, ou deveria alterar, a nossa própria visão da temporalidade histórica, mas não nossas visões teóricas e acadêmicas.

Se a História Ambiental nos reconduz de volta a natureza, as outras vertentes historiográficas deveriam fazer o mesmo exercício. O “sensorial” precisa adentrar na História. Entretanto, aos que se dispuserem a realizar tal exercício, o gosto que sentirá será amargo, o toque quente e o cheiro desagradável. “Os materiais e análises sobre as causas (antrópicas) e as consequências (catastróficas) da crise planetária vêm se acumulando com extrema rapidez, mobilizando tanto a percepção popular, devidamente mediada pela mídia, quanto a reflexão acadêmica” (CASTRO; DANOWSKI, 2014, p. 11). Contudo, essa mobilização está acontecendo de forma, a meu ver, lenta pelos historiadores brasileiros. Podemos ver que a atual pandemia clama por uma interdisciplinaridade e um diálogo profundo entre as ciências humanas e naturais para realizar uma mínima compreensão do cenário atual.

Vírus como o SARS-CoV-2 ou mais potentes são esperados, tendo em vista que a distribuição e população da fauna silvestre tem sido cada vez mais alterada em determinadas regiões do planeta (se não todas). A COVID-19 demonstra que as catástrofes futuras tendem a ser cada vez mais democráticas em suas horroridades. Claro, não sejamos hipócritas, na maioria esmagadora das vezes, as populações mais vulneráveis econômica e socialmente serão as primeiras afetadas por um evento catastrófico qualquer. Entretanto, as classes e nações abastadas tem de entender que “é da natureza do colapso iminente que ele atingirá a todos, de uma forma ou de outra”. Não só o Ocidente, ou Oriente, os países capitalistas ou socialistas, “mas toda a espécie humana, a própria ideia de espécie humana, que está sendo interpelada pela crise – mesmo, portanto e sobretudo, aqueles tantos povos, culturas e sociedades que não estão na origem da dita crise” (Ibidem, p. 12).

Dipesh Chakrabarty (2009, p. 221) afirmou que “as mudanças climáticas são uma consequência não-intencional das ações humanas, e apenas a análise científica pode mostrar que elas são o efeito de nossas ações enquanto espécie”. Foi a ciência, ainda nos anos de 1970, que confirmou que as mudanças climáticas que presenciamos são fruto de nossa

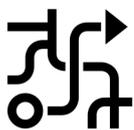


própria intervenção nesse planeta que pouco parecia responder aos nossos estímulos ao longo do tempo. É a mesma ciência que alerta estarmos mais próximo da aniquilação da espécie humana hoje do que estávamos durante os dias mais tensos da Guerra Fria, quando dezenas de armas nucleares estavam sob nossas cabeças (fato que ainda ocorre) (DOOMSDAY..., 2020).

Apenas quando a Teoria e a Filosofia da História brasileira compreenderem que a COVID-19, as chuvas cataclísmicas, os verões intensos, e outros fatores do ambiente fazem parte da temporalidade histórica contemporânea e deve entrar na pauta das discussões acadêmicas é que poderemos compreender que o fenômeno das *fake news* e do negacionismo não são fatos isolados no tecido social e político. Em realidade, esses problemas atuais do mundo acadêmico dialogam diretamente com uma crise sem precedentes do futuro da humanidade como espécie, e, logo, da própria História, pois são materiais estruturantes da realidade presente que dialogam com uma negação não só do atual, mas do devir catastrófico.

A historiografia precisa ter um compromisso ético com a verdade. Claro que poderíamos problematizar infinitamente aqui a ideia de verdade, entretanto, este não é o objetivo deste trabalho e tal discussão precisaria de mais espaço de argumento. Não precisamos retornar a um positivismo ou historicismo, como em diversos momentos os colegas das ciências humanas acusam, as vezes injustamente as vezes com razão, os cientistas naturais. De qualquer maneira, “acreditar que nenhuma verdade é realmente alcançável pelo conhecimento histórico significaria, no limite, admitir que todas as versões podem ser igualmente aceitáveis. Se assim fosse, não poderíamos estabelecer quem tem razão no debate sobre tortura na ditadura, por exemplo” (MOTTA, 2020, p. 25). Não há uma verdade absoluta, tampouco devemos ter uma pretensão à verdade absoluta, mas precisamos delimitar traços essenciais de certos eventos e processos. O que podemos produzir, a partir da interpretação das evidências é “uma verdade provisória, portanto, referenciada no conhecimento que se pode estabelecer hoje” (Ibidem, p. 26).

A COVID-19 bate na porta da torre de marfim dos historiadores para lembrar que existe uma realidade factual, mesmo que inalcançável em sua forma plena, que afeta o tecido social. Por conseguinte, é tempo de entender a natureza, em forma de realidade material, como um agente histórico (WORSTER, 1991, p. 198-215). Pensar isso significa reconhecer a existência desse mundo e não neutralizá-lo em uma guinada relativista exacerbada, negando, por consequência, o presente e o futuro.



A historiografia contemporânea, de modo geral, aceitou a existência de uma multiplicidade temporal. Cada grupo e sociedade é dotado de uma forma de estruturar e ordenar suas concepções de tempo. Há distintos ritmos, velocidades, definições de passado, presente e futuro, antes e depois, que produzem uma temporalidade histórica distinta e singular. Essas temporalidades, como bem afirma Helge Jordheim (2014, p. 498-515), coexistem e muitas vezes estão em conflito umas com as outras. Todas elas buscam tornar-se hegemônicas, em outras palavras, pôr todos os outros tempos em sincronia consigo própria. Entretanto, dialogando com Rodrigo Turin (2019, p. 14), “em meio a toda a fragmentação do presente, um dos elementos mais fortes que nos obrigam a nos colocarmos em um mesmo tempo é, sem dúvida, a dimensão climática. Diante do tempo catastrófico da natureza, todos nos tornamos contemporâneos”.

Nos anos 2000, o químico atmosférico nobelista, Paul Crutzen, conhecido por seus trabalhos em mudanças climáticas, afirmou que a denominação Holoceno não seria a adequada para ditar o período geológico em que vivemos, e propõe a existência do Antropoceno, no qual a geologia e a ecologia seriam constante e significativamente alteradas pelas ações do ser humano. Contudo, o Antropoceno “é uma época, no sentido geológico do termo, mas ele aponta para o fim da ‘epocalidade’ enquanto tal, no que concerne à espécie. Embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós [...]” (CASTRO; DANOWSKI, 2014, p. 16).

Desse modo, embaralham-se as distinções entre o que é histórico e o que é natural, o humano se torna agente geoecológico ao passo que a natureza se torna agente histórico-social. Temos, por conseguinte, “um encontro de tempos, enfim, mas sem concordância à vista” (TURIN, 2019, p. 15). É essa concordância que devemos almejar nas reflexões que realizamos, antes que nos tornemos anacrônicos.

O que podemos perceber é que o horizonte de expectativa da humanidade aponta para um cenário escatológico e, agora, com a COVID-19 entrando para nosso espaço de experiência, podemos cada vez mais estruturar uma imagem de um supervírus ou superbactéria, similar à que fez George R. Stewart, em 1949, com seu livro *Earth abides*: um vírus que seja altamente letal e transmissível que ponha a humanidade em cheque.

A aceleração do tempo não é mais apenas no quesito social, cada vez estamos caminhando à passos largos rumo à destruição da espécie humana e de milhares de milhões de animais e vegetais. Para dar um exemplo concreto de nossas ações: as evidências convergem para criar a estimativa de que a cada aumento de 2° C AGW, causado pela queima de 10¹² toneladas de carbono, haverá a morte de aproximadamente 1 bilhão de pessoas em



um período de um a dois séculos. Portanto, uma pessoa é morta toda vez que aproximadamente 10 mil toneladas de carbono são queimadas. Para pôr em termos compreensíveis, cotidianos, em média, uma pessoa no futuro morre para cada quatro voos longos de avião comercial (PARNCUTT, 2019, p. 1-17). Acerca do deslocamento de pessoas por consequência das mudanças climáticas, Wallace-Wells (2019, p. 16-17) expôs as pesquisas, primeiramente da Organização das Nações Unidas, na qual estima-se que, em 2050, teremos 200 milhões (com um teto de 1 bilhão) de refugiados, e do Banco Mundial, que aponta para a cifra de 140 milhões de refugiados do clima. Não são apenas pessoas migrando, mas sim um imenso número de sujeitos que se encontrarão em situações precárias, doentes (vide que enfermidades como a malária, a febre amarela e a dengue serão muito mais recorrentes), sem casa e tendo o fim de suas vidas antecipados.

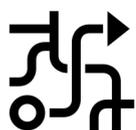
A colocação central se dá no fato de que os negacionismos não estão isolados, mas unidos em uma mesma cartilha ideológica e posicionamento social. Ao que tange ao governo atual, vemos que a COVID-19 revelou que essa estrutura de pensamento e aparato retórico não se sustenta muito bem com a base de apoiadores políticos quando uma catástrofe atinge a todos; no dia 24/03/2020, Jair Bolsonaro fez um pronunciamento em rede nacional, no qual voltou a menosprezar a pandemia, disse:

o vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. [...] Devemos sim voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais, devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento do comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima de 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos quaisquer manifestação, caso se contamine (BBC, 2020).

Pouco tempo após o pronunciamento de Bolsonaro, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, e o vice-presidente, Antonio Anastasia, emitiram uma nota à imprensa na qual afirmam que consideram

grave a posição externada pelo presidente da República hoje, em cadeia nacional, de ataque às medidas de contenção ao covid-19. Posição que está na contramão das ações adotadas em outros países e sugeridas pela própria Organização Mundial da Saúde (OMS). [...] A Nação espera do líder do Executivo, mais do que nunca, transparência, seriedade e responsabilidade (BRASIL, 2020).

No dia seguinte, dia 25/03/2020, o governador do Rio de Janeiro afirmou que “o pronunciamento do presidente não encontra eco nas opiniões técnicas. [...] Pronunciamento não tem validade jurídica” (Apud: BARREIRA, 2020). Os atritos entre as



diferentes entidades políticas não parece que terá um fim dentro do atual surto do COVID-19.

No dia 26/03/2020, o *Imperial College London*, que previu o número de milhões de mortos para os Estados Unidos e meio milhão para o Reino Unido realizou um novo trabalho em que analisa as medidas de contenção utilizadas pelos países e conjecturou um número de perdas de vida menor do que se não fizéssemos nada, atestando assim a eficácia das medidas de supressão recomendadas pela Organização Mundial da Saúde até então (lê-se isolamento e distanciamento social). O artigo aponta que quanto mais cedo tomada a medida, mais facilmente o sistema de saúde conseguirá lidar com a epidemia local e menos mortos teremos. Vendo um cenário no qual medida alguma fora tomada, temos uma estimativa de mortes na América Latina e Caribe de 3.194.000 de pessoas entre os meses de abril e agosto de 2020 pela COVID-19; num cenário em que ocorra isolamento quando a taxa de mortes está em 0,2 pessoas para cada 100.000 habitantes por semana, temos um cenário de 158.000 mortes; e, em um cenário em que a supressão ocorreu quando a taxa de mortes estava em 1,6 mortes para cada 100.000 habitantes por semana, temos um 729.000 mortes (FERGUSON *et al.*, 2020b). Os dados, portanto, apontam que a medida de quarentena é o único cenário viável para evitar o maior número de mortos possíveis, um “isolamento vertical”, mantendo só idosos em casa, apenas aceleraria o contágio, aumentando o número de mortos por semana e intensificando a crise que já existe. Ao fim e ao cabo, estamos sendo lembrados de que o sono da razão produz monstros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hannah Arendt (1997, p. 325) reflete que “conceitualmente, podemos chamar de verdade aquilo que não podemos modificar; metaforicamente, ela é o solo sobre o qual nos colocamos de pé e o céu que se estende acima de nós”. Contudo, o solo e o céu da nossa realidade parecem estar mudando de forma demasiadamente acelerada, rumando para um cenário obscuro e preocupante. A COVID-19 veio e pôs em fervoroso debate os pilares da nossa sociedade; dobrou todos os países e fez o capitalismo (e o comunismo chinês) parar sua tão prezada produção. A economia e a política não estão se sustentando de forma satisfatória perante uma catástrofe viral.

O futuro, por sua vez, apresenta-se demasiadamente mais ameaçador do que a pandemia que enfrentamos no momento. O número de mortos ao redor do mundo, causados



pelo novo corona vírus é passível de se chegar na cifra dos milhões. Os pronunciamentos negacionistas de Jair Bolsonaro são contrariados por diversos estudos e análises. Não vou aqui refletir sobre os impactos econômicos e sociais de manter ou não o funcionamento da sociedade, só demonstro que a opinião política de Bolsonaro e a especializada dos cientistas divergem completamente e isso se apresenta como um problema para o combate da epidemia brasileira.

O SARS-CoV-2 nos força a pensar nas possibilidades futuras e no enfrentamento das problemáticas climáticas e ambientais, que, muito provavelmente, virão com potência maior do que a atual pandemia e poderá parar o mundo muitas vezes mais. Além disso, o coronavírus sacode as colunas de teorização da história e da historiografia ao nos chamar atenção de que, dentre as múltiplas temporalidades, há a ameaçadora presença ambiental que vem para desestruturar o atual padrão de interpretação dos eventos históricos e sociais. A COVID-19 revela uma sociedade globalizada em risco de colapso perante os novos riscos da natureza circundante. Como foi dito por Antonello Pasini (BUSSOLATI, 2020), cientista da mudança climática do CRN, “vamos ver os efeitos do que fazemos hoje para diminuir as curvas em pouco tempo (10 a 15 dias para o vírus, 10 a 30 anos para o clima)”.

A cada dia, semana, ano que passar em que os governantes não ouvirem o que os cientistas estão esbravejando em relação ao clima, a vida de gerações é posta em risco. Como afirmei ao longo do artigo, não há mais tempo para lidarmos com negacionismos, teorias conspiratórias e pseudociências de forma leviana, a natureza não esperará que saíamos da fase infantil-exploratória para a maturidade socioambiental. Cabe aos acadêmicos e intelectuais realizar seu trabalho a fim de converter o *fake* em fato, de efetivamente tornar a ciência democrática e contribuir para o letramento científico das populações.

No caso historiográfico, “a função política do contador de história – historiador ou novelista – é ensinar a aceitação das coisas tais como são” (ARENDDT, 1997, p. 323). Talvez isso signifique atestar para os não acadêmicos a ideia de que a realidade é mais complexa do que aparenta, que o mundo não é intuitivo, que não há verdades absolutas, apenas provisórias, que nós não somos autoridades, que podemos nos enganar, mas que encontramos uma maneira satisfatória de interpretar e dominar a natureza e que podemos mudar os rumos da história.

A internet não pode ser mais uma inimiga, nem o online visto como degeneração do real. Os acadêmicos receosos da modernidade precisam enxergar a crise da COVID-19 como um protesto de que os velhos modos de comunicação não estão apresentando resultados satisfatórios. O biólogo e divulgador científico Dr. Atila Iamarino (IAMARINO, 2017), que



está sendo o maior divulgador e conscientizador na internet sobre o coronavírus, em 2017, fez a seguinte colocação, no Ted Talks, sobre a educação:

Ninguém virou para gente e falou “olha, busca na internet se faz assim, você compara as fontes dessa forma, você vai chegar nessa informação interessante desse jeito”. [...] Acesso a informação não é a mesma coisa do que aprender. A diferença entre um conspiracionista [...] e alguém são é que os dois tiveram acesso a informação, mas só o último, que é são, sabe aprender e interpretar essa informação. *Fake news* hoje não acontece por falta de informação, ela acontece por excesso. Porque as pessoas não conseguem processar o que elas recebem e vão processar de outra forma. A miséria de informação já acabou. [...] A gente está em um dilúvio de informação e a gente deveria estar ensinando as pessoas a nadar (IAMARINO, 2017).

O futuro, que tinha tanto a oferecer, está se fechando. O horizonte de expectativa está se contraindo. Cada vez mais enxergamos um muro, em nossa frente, que não sabemos se vamos conseguir ultrapassá-lo. Entretanto, a ciência, e sua democratização, vem com uma solução, uma resposta baseada em um complexo método de interpretação do mundo natural. Dessa forma, faço das palavras do aluno Mike MacFerrin à revista *Science* as minhas: “eu comparo os ataques à ciência ao ato de desligar os faróis. [...] É como se estivéssemos num carro a toda velocidade, e as pessoas não quisessem ver o que vem pela frente” (MARCHERS..., 2017).

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Matheus. O tempo presente e os desafios de uma historiografia (in)atual. In: _____. *Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. Editora Perspectiva. São Paulo, SP, 1997.

ASSISTA AO PRONUNCIAMENTO DE JAIR BOLSONARO SOBRE CRISE DO CORONAVÍRUS. *BBC News Brasil*. 25 de mar. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zuBsONVr-70>>. Último acesso em: 28/03/2020.

BRASIL TEM 800 MORTES E 15.927 CASOS CONFIRMADOS DE CORONAVÍRUS, DIZ MINISTÉRIO. *G1*. 08/04/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/29/brasil-tem-136-mortes-e-4256-casos-confirmados-de-coronavirus-diz-ministerio.ghtml>>. Último acesso em: 08/04/2020.



BRUNO, Cássio. Chega a 25 o número de mortes por coronavírus no Brasil. *Veja*, 22 mar. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/mortes-por-coronavirus-no-brasil-ja-chegam-a-25/>>. Último acesso em: 27/03/2020.

BUSSOLATI, Mariella. L'epidemia ai tempi dell'Antropocene. L'emergenza coronavirus può insegnarci ad affrontare quella vera: il clima. *Business Insider Italia*. 12 de mar. 2020. Disponível em: <<https://it.businessinsider.com/lepidemia-ai-tempi-dellantropocene-lemergenza-coronavirus-puo-insegnarci-ad-affrontare-quella-vera-il-clima/>>. Último acesso em: 28/03/2020.

CARDOSO, Eduardo. História e mentira: anatomia de uma relação múltipla. *II Encontro Fluminense de Teoria da História e Historiografia*. 22 ago. 2019.

CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Deborah. *Há futuro por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto socioambiental, 2014.

CHAKRABARTY, Dipesh. The Climate of history: four theses. *Critical Inquiry*, vol. 35, 2009, pp. 197-222.

CORONAVIRUS DISEASE (COVID-19) PANDEMIC. *World Health Organization*. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>>. Último acesso em: 09/04/2020.

BARREIRA, Gabriel. Witzel reforça pedido de quarentena após reunião com Bolsonaro e anuncia cestas básicas para um milhão de famílias. *G1*. 25 de mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/25/witzel-anuncia-novas-medidas-para-minimizar-o-impacto-da-crise-do-coronavirus-no-rj.ghtml>>. Último acesso em: 28/03/2020.

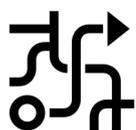
BRASIL. Davi e Anastasia pedem, em nota, responsabilidade ao presidente Bolsonaro. *Senado notícias*. 24 de mar. 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/03/24/davi-e-anastasia-pedem-em-nota-responsabilidade-ao-presidente-bolsonaro>>. Último acesso em: 28/03/2020.

DOOMSDAY CLOCK TIMELINE. *Bulletin of the atomic scientists*. 2020. Disponível em: <<https://thebulletin.org/doomsday-clock/past-announcements/>>. Último acesso: 27/03/2020.

FACT CHECKER: Trump claims database. *The Washington Post*, Washington, 19 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/graphics/politics/trump-claims-database/?noredirect=on>>. Último acesso em: 27/03/2020.

FERGUSON, Neil; LAYDON, Daniel; GILANI-NEDJATI, Gemma *et al.* Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand. *Imperial College COVID-19 Response Team*, Londres, 16 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-NPI-modelling-16-03-2020.pdf>>. Último acesso em: 27/03/2020.

_____. The global impact of COVID-19 and strategies for mitigation and supresion. *Imperial College COVID-19 Response Team*. Londres: 26 mar. 2020. Disponível em:



<<https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-Global-Impact-26-03-2020.pdf>>. Último acesso em: 28/03/2020.

HARTOG, François. Ainda cremos em História?. In: _____. *Crer em história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, pp. 09-30

IAMARINO, Atila. Educação para o futuro. *Tedx Talks*. São Paulo: TEDxUSP, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B_x8EccxJjU>. Último acesso em: 28/03/2020.

ILC-INDICADOR DE LETRAMENTO CIENTÍFICO: sumário executivo de resultados. *Instituto brasileiro de letramento científico*, 2018. Disponível em: <<http://iblc.org.br/wp-content/uploads/2018/01/1-relatorio-executivo-ilc-fcc.pdf>>. Último acesso em: 27/03/2020.

JORDHEIM, Helge. Introduction: multiple times and the work of synchronization. *History & Theory*, v. 53, dez 2014, pp. 498-518

KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade*. Notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2018.

LEONHARDT, David; PHILBRICK, Ian P.; THOMPSON, Stuart A. Trump's lies vs. Obama's. New York: *New York Times*, 14 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2017/12/14/opinion/sunday/trump-lies-obama-who-is-worse.html>>. Último acesso em: 27/03/2020.

LEWIS, Rebecca; MARWICK, Alice. The Online Radicalization We're Not Talking About. Nova York, *New York Magazine*, 18 de mai. 2017. Disponível em: <<http://nymag.com/selectall/2017/05/the-online-radicalization-were-not-talking-about.html>>. Último acesso em: 27/03/2020.

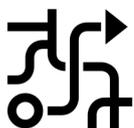
MARCHERS AROUND THE WORLD TELL US WHY THEY'RE TAKING TO THE STREETS FOR SCIENCE. *Science Magazine (online)*. 13 de abr. 2017. Disponível em: <<https://www.sciencemag.org/news/2017/04/marchers-around-world-tell-us-why-theyre-taking-streets-science>>. Último acesso em: 28/03/2020.

MATTHEWS, Miriam; PAUL, Christopher. The Russian "Firehose of Falsehood" Popaganda Model. Why it might work and options to conter it. *RAND Corporation*, Santa Mônica, 2016. Disponível em: <<https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>>. Último acesso em: 27/03/2020.

MENESES, Sônia. Bolsonarismo: um problema "de verdade" para a História. In: ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Matheus. *Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto S. A história no olho do furacão. In: ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Matheus. *Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

OLAVO DE CARVALHO, GURU DE BOLSONARO, É CONTRA VACINAÇÃO INFANTIL. *Catraca Livre*, 30 de nov. 2020. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/olavo-de-carvalho-guru-de-bolsonaro-e-contravacinacao-infantil/>>. Último acesso em: 27/03/2020.



PARNCUTT, Richard. The human cost of anthropogenic global warming: semi-quantitative prediction and the 1.000-tonne rule. *Frontiers in psychology*. Vol. 10, 16 de out. 2019, pp. 1 – 17. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2019.02323/full>>. Último acesso em: 28/03/2020.

RUSSELL, Bertrand. *The Art of Philosophizing and other essays*. New York: Philosophical library, 1968, p. 1.

THORP, Holden. Do us a favor. *Science Magazine*, vol. 367, n°. 6483, pp. 1169, mar 2020.

TURIN, Rodrigo. Tempos Precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. *Zazie Edições: pequena biblioteca de ensaios (online)*, 2019, pp. 16. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/565de1f1e4b00ddf86b0c66c/t/5d6bbdd368abb200010a6389/1567342037866/PEQUENA+BIBLIOTECA+DE+ENSAIOS_RODRIGO+TURIN_ZAZIE+EDICOES_2019.pdf>. Último acesso em: 27/03/2020.

WALLACE-WELLS, David. *A terra inabitável: uma história do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n° 8, 1991, pp. 198-215.

Recebido em: 15/04/2020

Aprovado em: 13/06/2020